

A SEMANA – 104

John Gledson

O gosto romântico pelo Oriente misterioso e violento é um tema bastante frequente em Machado, que ele sempre trata com distância irônica. Por algum motivo, aqui finge ser mais jovem do que realmente era, pois nasceu em 1839, quando o romantismo francês estava em pleno vigor – Hugo acabava de escrever “Tristesse d’Olympio”, que Machado dá como exemplo do romantismo forte. O último livro de Gonçalves Dias, *Cantos*, é de 1856. Talvez ao dizer “Quando eu cheguei à vida”, ele se refira à vida literária, a que chegou nos fins da década de 1850. Os comentários ao uso de nomes consagrados da política e da literatura (e menos consagrados, e até ainda vivos, como o sr. Malvino Reis) para pessoas e ruas, também são típicos.



A SEMANA

27 de maio de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Morreu um árabe, morador na rua do Senhor dos Passos.¹ Não há que dizer a isto; os árabes morrem e a rua do Senhor dos Passos existe. Mas o que vos parece nada, por não conhecerdes sequer esse árabe falecido, foi mais um golpe nas minhas reminiscências românticas. Nunca desliguei o árabe destas três coisas: deserto, cavalo e tenda. Que importa houvesse uma civilização árabe, com alcaides e bibliotecas? Não falo da civilização, falo do romantismo, que alguma vez tratou do árabe civilizado, mas com tal aspecto, que a imaginação não chegava a desmembrar dele a tenda e o cavalo.

Quando eu cheguei à vida, já o romantismo se despedia dela. Uns versos tristes e chorões que se recitavam em língua portuguesa, não tinham nada com a melancolia de René, menos ainda com a sonoridade de Olímpio.² Já então Gonçalves Dias havia publicado todos os seus livros. Não confundam este Gonçalves Dias com a rua do mesmo nome; era um homem do Maranhão, que fazia versos. Como ele tivesse morado naquela rua, que se chamava dos Latoeiros, uma folha desta cidade, quando ele morreu, lembrou à câmara municipal que desse o nome de Gonçalves Dias à dita rua.³ O Sr. Malvino teve igual fortuna, mas sem morrer, afirmando-se ainda uma vez aquela lei de

¹ Não encontrei a notícia da morte do árabe. A rua do Senhor dos Passos era, como ainda é, lugar de imigrantes e pequenos comércios, onde “se veem de todas as cores e de todas as raças”, segundo uma crônica na *Gazeta* de 21 de maio.

² *René* (1802), romance curto de François René de Chateaubriand (1768-1848), o maior prosador do romantismo francês, obra imbuída de melancolia, e onde conta, mal disfarçada, a paixão casta e infeliz pela sua irmã Lucile. Olympio foi pseudônimo ou alter ego que Victor Hugo, por sua vez o maior poeta do mesmo movimento, adotou na década de 1830. O famoso poema “Tristesse d’Olympio”, da coletânea *Les Rayons et les Ombres* (1840), em que o poeta volta aos lugares onde foi feliz (provavelmente com a sua amante Juliette Drouet), tem a sonoridade de que fala o cronista.

³ A folha que sugeriu a mudança do nome da rua foi o *Diário do Rio de Janeiro*, cuja edição de 12 de fevereiro de 1865, p. 1, traz a seguinte notícia: “RUA GONÇALVES DIAS – Na sua última sessão a Ilma. câmara municipal aprovou unanimemente uma proposta do distinto Sr. Dr. Dias da Cruz para que a rua dos Latoeiros passe a chamar-se de ora em diante – *rua Gonçalves Dias*. / Fomos os iniciadores dessa ideia e por isso agradecemos cordialmente à câmara e ao digno proponente a resolução tomada. / É uma modesta mas duradoura homenagem ao primeiro poeta lírico do Brasil.”

desenvolvimento e progresso, que os erros dos homens e as suas paixões não poderão jamais impedir que se execute.⁴

Cumprir lembrar que, quando falo da morte de Gonçalves Dias, refiro-me à segunda, porque ele morreu duas vezes, como sabem. A primeira foi de um boato.⁵ Os jornais de todo o Brasil disseram logo, estiradamente, o que pensavam dele, e a notícia da morte chegou aos ouvidos do poeta com⁶ os primeiros ecos da posteridade. Este processo, como experiência política, pode dar resultados inesperados. Eu, deputado ou senador, recolhia-me a alguma fazenda, e ao cabo de três meses expedia um telegrama, anunciando que havia morrido. Conquanto sejamos todos benévolos com os defuntos recentes, sempre era bom ver se na água benta das necrologias instantâneas não cairiam algumas gotas de fel. Tal que houvesse dito do orador vivo, que era “uma das bocas de ouro do parlamento”, podia ser que escrevesse do orador morto, que “se nunca se elevou às culminâncias da tribuna política, jamais aborreceu aos que o ouviam”.

A propósito de orador, não esqueçamos dizer que temos agora na câmara um deputado Lamartine, e que estivemos quase a ter um Chateaubriand. Estes dois nomes significam certamente o entusiasmo dos pais em relação aos dois homens que os tornaram famosos. Recordem-se do espanto que houve na Europa, e especialmente em França, quando a revolução de Quinze de Novembro elevou ao governo Benjamim Constant. Perguntaram se era francês ou filho de francês. Neste último caso, não sei se foi o homem político ou o autor de *Adolfo*, que determinou a escolha do nome. Os Drs. Washington e Lafayette foram evidentemente escolhidos por um pai republicano e americano. Que concluo daqui? Nada, em relação aos dois últimos; mas em relação aos primeiros acho que é ainda um vestígio de romantismo. Estou que as opiniões políticas de Lamartine e Chateaubriand não influíram para o batismo dos seus homônimos, mas sim a poesia de um e a prosa de outro. Foi homenagem aos cantores de Elvira e de Átala, não ao inimigo de Bonaparte, nem ao domador da insurreição de junho.⁷

⁴ Certamente Machado se refere à então (desde 1892) praça Malvino Reis, agora praça Serzedelo Correia, em Copacabana, aonde tinham chegado os bondes recentemente, e que recebeu o nome do então diretor da Companhia Ferro-Carril do Jardim Botânico.

⁵ Este boato chegou ao Rio de Janeiro em 24 de julho de 1862, dois anos antes da morte do poeta. Ele tinha viajado para a Europa, já bastante doente. Faleceu outro passageiro, e estando o navio de quarentena, imaginou-se que fosse Gonçalves Dias. “Na Corte e nas províncias celebraram-se ofícios fúnebres e não houve jornal que não fizesse em sentido necrológico o elogio daquele que era considerado o maior poeta do Brasil. (...) Dois meses depois o próprio poeta desmentia a notícia: ‘É mentira! Não morri! nem morro, nem hei de morrer nunca mais – *Non omnis moriar!* como diz o mestre Horácio.’” (Gonçalves Dias, *Poesia completa e prosa escolhida*, p. 44).

⁶ Está assim na *Gazeta*. Aurélio tem “como”, sem comentar. Ambos são possíveis; achamos preferível manter a versão original.

⁷ Os originais franceses e americano são, pela ordem: Alphonse de Lamartine (1790), poeta romântico francês, autor de “A Elvira” (poema que Machado traduziu em 1869), e que também, sobretudo na revolução de 1848, teve importante papel político – declarou-se a favor de uma república, e fez parte do governo provisório, liderado por Cavaignac, que suprimiu brutalmente a revolta de junho; Chateaubriand, mencionado no começo da crônica e na nota 2, exilou-se depois da revolução de 1789, mas voltou à França em 1800, e foi escolhido por Napoleão para um serviço diplomático – quando soube do

Vede, porém, o destino. Não são só os livros que têm os seus fados;⁸ também os nomes os têm. Os portadores brasileiros daqueles dois nomes são agora meramente políticos. Assim, a amorosa superstição dos pais achou-se desmentida pelo tempo, e os nomes não bastaram para dar aos filhos idealidades poéticas. Não obstante esta limitação, devo confessar que me afligiu a leitura de um pequeno discurso do atual deputado. Não foi a matéria, nem a linguagem; foi a senhoria. Há casos em que as fórmulas usuais e corteses devem ser, por exceção, suprimidas. Quando li: *O Sr. Lamartine*, repetido muitas vezes, naquelas grossas letras normandas do *Diário Oficial*, senti como que um sacudimento interior. Esse nome não permite aquele título; soa mal. A glória tem desses ônus. Não se pode trazer um nome imortal com a simples gravata branca das cerimônias. Ainda ontem vieram falar-me dos negócios de um Sr. Leônidas;⁹ creio que rangeram ao longe os ossos do grande homem.

Mas tudo isso me vai afastando do meu pobre árabe morto na rua do Senhor dos Passos. Chamava-se Assef Aveira. Não conheço a língua arábica, mas desconfio que o segundo nome tem feições cristãs, salvo se há erro tipográfico. Entretanto, não foi esse nome o que mais me aborreceu, depois da residência naquela rua, sem tenda nem cavalo; foi a declaração de ser o árabe casado. Não diz o obituário se com uma ou mais mulheres; mas há nessa palavra um aspecto de monogamia que me inquieta. Não compreendo um árabe sem Alcorão, e o Alcorão marca para o casamento quatro mulheres.¹⁰ Dar-se-á que esse homem tenha sido tão corrompido pela monogamia cristã, que chegasse ao ponto de ir contra o preceito de Mafoma? Eis aí outra restrição ao meu árabe romântico.

assassinato do Duque d'Enghien, demitiu-se, passou à oposição a Bonaparte, e foi forçado a morar a pelo menos três léguas de Paris, no castelo de Chatenay-Malabry; Napoleão, porém, respeitava-o bastante para não calá-lo; foi também autor de *Atala* (1801), romance curto semelhante a *René* –; Benjamin Constant de Rebecque (1767-1830), um dos representantes mais importantes das ideias liberais durante os anos turbulentos do império napoleônico e da restauração da monarquia legitimista, e famoso orador, foi também autor do curto romance psicológico *Adolphe* (escrito em 1806, publicado em 1816), um dos clássicos europeus de autoanálise, e que Machado admirava bastante, onde descreve um amor infeliz, baseado na sua própria experiência; George Washington (1732-1799), primeiro presidente dos Estados Unidos; e o Marquês de Lafayette (1757-1834), que combateu ao lado dos colonos na Revolução Americana, e, nos começos da Revolução Francesa, mandou demolir a Bastilha.

Os brasileiros que pude identificar: Lamartine parece ser o deputado Lamartine Ribeiro Guimarães, representante do 12º Distrito de Minas; Benjamin Constant Botelho de Magalhães (1836-1891), positivista, professor em vários estabelecimentos, e ministro da Guerra e depois da Instrução Pública na República – a constituição de 1891 considera-o “fundador da República”; e o Conselheiro Lafayette Rodrigues (1834-1917), político e juriconsulto liberal, e que mais tarde, em 1897, sob o pseudônimo Labieno, defendeu a obra de Machado contra os ataques de Sílvio Romero. Os outros brasileiros, Chateaubriand e Washington, não foi possível identificar com certeza.

⁸ Tradução da frase latina “habent sua fata libelli”, de *De litteris*, de Terenciano Mauro.

⁹ Leônidas foi rei de Esparta de 491 a 480 a.C., e liderou as forças gregas na famosa Batalha de Termópilas, onde morreu.

¹⁰ Com efeito, na quarta surata do Alcorão (“As mulheres”), terceiro parágrafo, o livro sanciona a poligamia, embora diga que não é o ideal: “Se temerdes ser injustos no trato com os órfãos, podereis desposar duas, três ou quatro das que vos aprouver, entre as mulheres.”

Não me demoro em apontar as obrigações da carta de fiança, da conta do gás e outras necessidades prosaicas, tão alheias ao deserto. O pobre árabe trocou o deserto pela rua do Senhor dos Passos, cujo nome lembra aqueles religionários, em quem seus avós deram e de quem receberam muita cutilada. Pobre Assef! Para cúmulo, morreu de febre amarela, uma epidemia exausta à força de civilização ocidental, tão diversa do cólera-morbo, essa peste medonha e devastadora como a espada do profeta.

Miserável romantismo, assim te vais aos pedaços. A anemia tirou-te a pouca vida que te restava, a corrupção não consente sequer que fiquem os teus ossos para memória. Adeus, Árabes! adeus, tendas! adeus, deserto! Cimitarras, adeus! adeus!

